

Monólogo audição

Excerto de *Casa Portuguesa*, de Pedro Penim

JOVEM - Entro no cenário da casa. É um *décor*. Que pretende que me imagine num outro lugar. Que me esqueça do lugar onde realmente me encontro. (*Goza.*) ‘bora fingir que não sabemos realmente onde estamos... Façam de conta que estão em vossa casa... (*Pausa. Caminha.*) Isto sou eu a movimentar-me no *décor*, a “habitar” a casa. (*Olha para o cenário do espetáculo, desolado.*) Já se imaginou tanta coisa, tanto cenário futurista, mas pelos vistos essa imaginação nunca tocou com um dedinho que fosse nestas construções obsoletas. Tudo igual: portas, paredes, cadeiras, mesas... São espaços construídos à medida de ambições bastante quadradas. Parecem máquinas do tempo! Esdrúxulas! Abrir estas portas, sentar-me à mesa, habitar estas paredes, é como girar os ponteiros do relógio e ver-me catapultado para... o século XIX, diria. É grave! A imaginação é estreita, é repetitiva. Em vez de experimentar uma fruição contemporânea, excitante, libertadora, mais consequente com o tempo que vivemos, não! Podemos apenas experimentar um bocejo, uma geometria tosca, uma caixa, que por razões inexplicáveis foi considerada a única chave para uma existência feliz. (*Enumerando.*) Quartos, salas, paredes, portas, soalhos... Ou seja: eu entro na casa e não me encontro! (*Observando o cenário uma vez mais.*) Sei lê-la, claro, porque me é familiar. Mas não sei bem onde me colocar. Sinto-me deslocado. Não me divirto. *It doesn't spark joy*. Nada. *Niente. Nuffin*. Sou eu e a casa, as duas: *bored*, podres, *muertas*... *Desse* ponto de vista esta casa-caixa é um deserto. É um jazigo. (*Surpreendido com algo que descobriu no cenário, dirige-se a uma arca que está num canto.*) Descubro... uma “arma de Tchekov”! Eu explico: a “arma de Tchekov” é um mecanismo dramático segundo o qual todos os elementos presentes no cenário devem ser fundamentais para a história. Passo a citar: “Se no primeiro ato há uma arma pendurada na parede, no último ato ela tem de disparar.” Tchekov. A “arma de Tchekov” é uma velha arca de umbila. Por mim, disparamo-la já. (*Abre a arca.*)